



X Ciclo de Estudos da Linguagem
**III Congresso Internacional
de Estudos da Linguagem**
29, 30 e 31 de julho de 2019

SIMPÓSIO 11

**A COSMOVISÃO DOS POVOS ORIGINÁRIOS E
A DUPLA DESCOLONIZAÇÃO**

Lucas Vinicius Ferreira¹

Resumo: A natureza foi colonizada pela mão humana no antropoceno, e é inegável a urgência de um pensamento que corresponda às necessidades críticas para a superação dessa opressão. Os estudos ecocríticos ratificam essa necessidade, partindo de uma perspectiva que rompe com a dicotomia entre cultura e natureza. Com isso, objetiva-se apresentar a contribuição dos povos indígenas para a revisão de alguns entendimentos eco-estéticos na literatura, e, além disso, realizar uma apreciação dos propostos pela sustentabilidade cultural, em relação a uma visão ecocrítica da literatura nativa. Tendo em vista o fato de que os mitos de criação oriundos da tradição oral Ojibwe, presentes na obra de Jane Schoolcraft, proporcionam uma experiência estética contra-hegemônica, o que favorece um traço contramemorial, feita por entes de fora do eixo cultural, do qual emanam as forças que subjugaram a natureza à época do colonialismo, e que, portanto, a descolonização de um contribui para a descolonização do outro. Quanto à corpora crítica foram selecionados textos de Schiller (2011), Welsh (2014) e Miles (2014) para tratar de temas estéticos, dos temas ecocríticos foram selecionados Clark (2011), Demos (2016) e Torres (2017), e ainda, os propostos por Sachs (2002) no que se refere à sustentabilidade Cultural.

Palavras-chave: Ecocrítica; Eco-estética; Literatura Nativa; Descolonização.

Introdução

Esta pesquisa foi motivada pelo questionamento suscitado pela leitura da obra *Poesia Ingênua e Sentimental* de Friedrich Schiller (1709-1805), de que se era possível relacionar a

¹ Mestrando. Universidade Federal do Paraná. lucasvinicius.ferreira@outlook.com.



estética schilleriana com produções indígenas do sec. XIX, e, sendo possível fazer isso, quais movimentos estavam implicados nessa relação.

Tendo isso em mente, fora realizada uma revisão bibliográfica de textos teóricos que apontariam os resultados da pesquisa, e foram parâmetros de uma breve leitura de um texto escolhido dentre a obra de uma autora nativa.

O primeiro passo tomado após isso foi dividir o trabalho em três etapas. A primeira se constituía em apresentar a estética de Schiller, a segunda apresentar o texto tomado como exemplo, e, por fim, apresentou-se uma proposta de revisão das duas etapas anteriores em forma de criar um diálogo entre elas.

Quanto ao trabalho com Schiller, recorreremos a duas leituras de teóricos para complementar a leitura dos textos do autor. O foco dado a essas leituras foram as questões suscitadas referentes ao belo e ao sublime. Em seguida, fora constada a necessidade de apresentar também um pouco sobre os gênios ingênuo e sentimental, para proporcionar uma visão mais completa dos estudos estético de Schiller.

Na segunda etapa há uma pequena apresentação das textualidades indígenas. A ideia não foi nem fazer uma leitura crítica ou ecocrítica, mas usar alguns elementos críticos para fornecer uma chave de leitura para quem se interesse pelo texto.

Com base nas chaves de leitura que foram descritas na segunda etapa de trabalho, realizou-se, na terceira, uma conexão com termos e questionamentos suscitados anteriormente. O panorama pós-moderno, de forma geral, pareceu ser um lugar onde esses entendimentos estéticos do modernismo se ressignificam e, quando alinhados, comungam para a superação de problemas oriundos da modernidade, que também o engendrou.

Estética de Schiller

A dualidade homem/mundo marca o pensamento pré-moderno e moderno desde o racionalismo cartesiano e ainda deixa marcas no pensamento contemporâneo. A lacuna que surge dessa dicotomia entre o homem racional (*res cogitans*), portador de um espírito racional, e o mundo sem espírito (*res extensa*), começou a ser ocupada, e quem sabe superada, pela estética.

Nesse contexto, é importante considerar a importância de Friedrich Schiller dentro do pensamento estético. Para fins de apresentar seu pensamento de forma orgânica, visto que forma argumentativa desse teórico não é reconhecida pela linearidade, buscou-se em



Wolfgang WELSCH (2014) comentários sobre o belo e o sublime de Schiller. Na sequência, se avança para as questões envolvendo a literatura, presentes em Poesia Ingênua e Sentimental.

Do belo e o Sublime

A exemplo do que é sistematizado por WELSCH (2014), no ensaio 'Um retorno a Schiller', primeiro é necessário revisitarmos o pensamento Kantiano sobre a beleza, para avançarmos a Schiller. WELSCH (2014, p. 389-393) afirma que o subjetivismo fundamental é o que orienta o pensamento de Kant, pois heterogeneidade entre homem e mundo, faria com o primeiro tivesse uma relação construtivista com o segundo.

Logo, haveria um mundo construído pela imaginação humana, divergente do mundo real, o qual o homem não consegue alcançar. Na sua fase pré-crítica, Kant propôs que as coisas belas indicavam que o homem se encaixa no mundo. Entretanto, em sua *Crítica da Razão Pura* (1781) e na *Crítica da Razão Prática* (1788), ele explica a crucialidade de uma ordem que mediasse as questões físicas e a liberdade. Essa mediação seria apresentada na *Crítica do Juízo* (1790), pelos fenômenos da beleza e do orgânico, haveria possibilidade de uma transição do domínio dos conceitos de natureza para o conceito de liberdade.

Contudo, ainda segundo WELSCH (2014, p. 391) a forma como Kant apresentou o papel do belo foi infeliz, pelo fato de focar demais na subjetividade e reduzir a objetividade ao cumprimento de exigências subjetivas. Esse aspecto, acabou por não atingir o que pretendia: expor a congruência entre o humano e o mundo.

Insatisfeito com o subjetivismo kantiano, Friedrich Schiller se aplicou em demonstrar a beleza como fenômeno objetivo, e o fez ao relacionar a liberdade e beleza. Seu conceito do belo é a 'liberdade na aparência'. A partir daí o conceito Schiller, se confirmado, parece a superar o dualismo moderno já apresentado. Principalmente, ao percebermos que não há nenhum problema na realização da liberdade humana dentro da natureza, e pelo contrário, a liberdade pode ser um *continuum* entre mundo e humanidade.

Nas cartas enviadas a Gottfried Körner em 1793, publicadas sob título *Kallias ou sobre a Beleza*, publicadas em 1847, os conceitos apresentados são de muita importância. Nelas somos apresentados às ideias de beleza, regularidade, objetividade, liberdade. Etc.

A primeira impressão da beleza apresentada é a de regularidade. Schiller defende que julgamos como belos elementos que em sua formação indicam uma regra. Defende ainda,



que essa regularidade não pode ser imposta ao elemento, mas deve ser livre, autodeterminada. Nesse sentido, percebemos o objeto como belo, justamente por a beleza representar a liberdade, e esta é apresentada de forma inteligível, objetiva, é a experiência da liberdade por meio da percepção.

Para chegar a esses conceitos, Schiller faz duas construções. Na primeira, apresenta, como já dito anteriormente, a beleza como experiência de liberdade. Na segunda, ele muda a liberdade da esfera humana para o mundo natural. Na verdade, ele percebe que a liberdade já está lá. Depois disso, ele expande a noção de liberdade para além da moralidade humana, com todas as coisas possuindo o fim em si mesmas, toda liberdade é bela na natureza, e desafia o homem a ser também.

Logo a diferença entre homem e natureza, não abriga mais o vazio entre livre e não-livre. Todos entes naturais são agentes de uma liberdade, e, portanto, demandam que assim sejam tratados, com respeito. A experiência estética, por assim dizer, leva o homem a uma ética da liberdade, uma ética do respeito universal. Nisso está a inversão da visão ocidental padrão, Schiller propõe duas leis de bons modos, sendo a primeira *permita a liberdade dos outros*, e a segunda *mostre liberdade você mesmo*.

Mais adiante serão apresentadas algumas problematizações sobre os conceitos de liberdade e beleza, esse movimento irá acontecer no momento dedicado a relacioná-los à temática que pauta este trabalho. Antes, porém, é necessário tratarmos sobre do sublime. Para essa tratativa é necessário entender como o homem se relaciona com a natureza.

Schiller usa o modo como a humanidade lida com a violência para explicar a relação entre cultura e natureza. E explica que homem é o ser que quer, e que a violência é a interdição do querer. Então, a cultura tem o papel de auxiliar o homem a alcançar a liberdade, seja pela oposição violenta à violência, meio *realista*, quando homem submete a natureza, sendo natureza, seja pelo modo *idealista*, quando ele sai da natureza e aniquila a violência no que ela lhe diz respeito. No entanto, a natureza só pode ser submetida até certo ponto, para além disso, o homem fica submetido às leis naturais.

O homem não poderia ser livre, então, se fosse restringido à cultura física. Mas sendo essa relação desfavorável ao homem, não lhe cabe outra solução, a não ser pelo meio idealista, anular a violência no conceito, e a partir disso, abraçá-la voluntariamente, o que é chamado de cultura moral.



O ser humano formado moralmente é, para Schiller, verdadeiramente livre. Para ele, a natureza concedeu dois gênios ao homem, em um se concentra as dimensões do belo, no outro as do sublime. O belo além de representar a liberdade, carrega aquilo que há de sociável e encantador. No sublime, vemos a face mais sisuda e forte da humanidade, nele há um sentimento misto de alegria e dor, de contentamento e horror.

Por meio da beleza nunca experimentaríamos que estamos destinados nos mostrar como puras inteligências, e que somos capazes disso. No caso do sublime, em contrapartida, a razão e a sensibilidade não se harmonizam, e justamente nessa contradição entre as duas reside a magia com ele toma nosso ânimo. Aqui, o homem físico e o moral são separados um do outro do modo contundente, pois é exatamente no caso dos objetos nos quais o primeiro sente apenas suas limitações que o outro faz a experiência de sua força (SCHILLER, 2011).

Assim, o sublime representa aquilo que, para Schiller, é uma saída do mundo sensível, no qual o belo gostaria de nos prender. O sublime está partilhado em toda natureza, e todo homem é capaz de percebê-lo, porém, a arte é que auxilia essa capacidade a se desenvolver de modo particular em cada indivíduo.

Poesia Ingênua e Sentimental

Nesse ensaio, talvez o mais maduro da obra estética de Schiller, o tema central é o mais distante da obra de Kant. Se em um primeiro momento havia uma predominância da temática do belo e do sublime, em Poesia Ingênua e Sentimental, Schiller se vale da divisão dicotômica dos conceitos proposta por Kant, mas foca seu esforço em analisar o conceito de gênio em seu sistema estético.

Quanto à construção da versão de Poesia Ingênua e Sentimental traduzida no Brasil, o editor, Marcio Suzuki, comenta que o problema de amarração entre os textos sobre o Ingênuo e sobre os poetas sentimentais, está numa articulação o presente ensaio e outros textos, como A Educação Estética do Homem. Daí a escolha de dispô-los na ordem em que são apresentados neste trabalho.

Nos primeiros textos de Schiller a educação estética foi apresentada como a tarefa suprema do homem, mesmo que não possa ser inteiramente realizada. A conclusão alcançada com a educação estética, de que “a humanidade jamais será plenamente emancipada, mas o indivíduo que se cultiva e enobrece moralmente não renuncia à esperança de um dia vir a ser livre” SCHILLER (1991). É retomada em Poesia Ingênua e Sentimental, com enfoque renovado. Se antes o máximo que se poderia alcançar era o belo



ideal, agora o foco está na emancipação do homem pela educação, mas criar meios para que ativamente ela possa ser alcançada.

O resultado disso é uma autoimposição por parte do artista que incorpora esse dever instintiva ou deliberadamente. Vale ressaltar que a poesia a que se refere aqui, não se resume ao fazer poesia, mas sim ao fazer literário. É na poesia, que segundo Kant, o gênio possui maior afinidade, pois isso envolve criar.

O papel da literatura no século XVIII pode ser comparado com outros modos de produção artística. A especificidade em relação às artes plásticas e sonoras, se concentra no fato de que a poesia tem afinidade com ambas, tendendo ora para uma, ora para outra. Essa afinidade também pressupõe uma dupla diferença para com ambas. Essa diferença está conectada a natureza humana.

Schiller aponta que a natureza humana possui uma parte mais sentimental, a qual se empenha em alcançar o mais alto da realização humana. Por outro, lado há uma natureza ingênua, que constitui em dentro de um certo limite se conecta com as obras de arte antigas. A primeira voltada à elevação da natureza a um estado de perfeição infinita, a segunda, voltada a um aperfeiçoamento infinito.

O gênio ingênuo, no ato da criação consiste na impressão do selo da natureza na obra. Esse gênio é conectado com a antiguidade ocidental, da qual Schiller toma como exemplo a arte grega, ele defende não que o grego fosse ingênuo, o que arte voltada à natureza implique que a natureza seja ingênua de modo objetivo. O que pretendia mostrar com o gênio ingênuo, era a relação de imersão do artista na natureza. Algo que a modernidade impossibilitou com a dicotomia homem mundo.

A visão da arte grega como imitação da natureza, não pode ser encarada com a concepção moderna de uma simples imitação da natureza ausente de reflexão. Pois o artista grego não havia rompido com a natureza, pelo contrário, o artista estava dentro de uma dinâmica de natureza que alcançava sua própria moral, sua própria natureza. Logo, não havia uma sensação de recuperação de uma natureza perdida, que é o que se percebe na modernidade. Com isso o grego, que não perdeu a natureza, produzia ingenuamente sem sentir o ingênuo, pois ingênua era sua ligação com a natureza.

O momento histórico moderno, urbano, é o que se conecta com o gênio sentimental, reflexivo, o qual é rompido com a natureza. A reflexividade provocada pela ideia de rompimento ou ausência, leva o artista sentimental a abstração. Esse sentimento prova o



impulso vivo de criar em si mesmo a harmonia que sentia, de transformar a si em totalidade, e os efeitos da poesia sentimental promovem o progresso da humanidade, ainda que seja no ingênuo que se encontra o belo ideal.

Moowis, The Indian Coquette

Desde o título deste trabalho, uma temática vem sendo desenvolvida sob a perspectiva de relacionar os estudos estéticos convencionais e a temática indígena. Contudo, há a necessidade de tomar alguns cuidados no ponto de vista acadêmico, dentre os quais destaca-se que é necessário evitar a essencialização da indianidade como se fosse comum a todos povos.

Com isso, temos em mente que diferentes sistemas de crenças e diferentes culturas estão distribuídas entre todos os povos nativos das Américas. A escolha de se trabalhar com a cosmovisão é uma tentativa aproximação com a maioria deles, uma vez que a relação desses povos com o espaço natural, apesar de diferente entre cada um, comungava na sensação de pertencimento, na relação de não-separação com o ambiente.

A empreitada colonial não se preocupou com a preservação da historicidade de sua intervenção sobre os povos nativos, pelo menos não quando essa intervenção não fosse uma prova de seus feitos de “coragem e determinação”. O que resta para os estudos pós-coloniais é tentativa de recuperação de uma contramemória, uma narrativa que amplie a interlocução com a narrativa colonial, que mostre o ponto de vista do Outro envolvido na (re)construção da história.

Edward SAID (1995, p. 389), propõe que “[...] ler e escrever textos nunca são atividades neutras: acompanham-nas interesses, poderes, paixões, prazeres, seja qual for a obra estética ou de entretenimento”. Podemos depreender daí, que as textualidades indígenas nos permitem entender a posição ideológica do nativo na história, suas versões de histórias que foram repetidamente contadas e compõem o imaginário popular, nos permite acessar sua conexão com os ancestrais e com o espaço em que vivia.

A história de Moowis

Para exemplificar a questão estética que pauta a discussão aqui apresentada, fora selecionado o texto de Jane Schoolcraft intitulado *Moowis, The Indian Coquette*. Este texto consta no livro *The Sound the Stars Make Rushing Through the Sky*, que é um compilado



dos textos de Jane Johnston Schoolcraft (1800-1842), editado por Robert Dale PARKER (2007), e conta a história da cruel vingança de um jovem indígena, que depois de ser rejeitado por uma bela jovem, a quem cortejava, articula um meio de levá-la a se afastar da comunidade tribal, e se perder, o que implicava um destino terrível.

Percebe-se na narrativa como os elementos da dicotomia natura-cultura, a saber, o inverno e os dejetos da tribo como produtos naturais. E do outro lado, o acampamento, as roupas, e as ferramentas como produtos da cultura. Esses elementos aparecem dissolutos um no outro, a percepção de uma totalidade dessa dissolução é difícil de ser alcançada com as lentes da visão ocidental.

E é particular como a materialização da vontade de vingança do rapaz, é a criação de um boneco feito dos dejetos (elemento natural) que vestia roupas e portava ferramentas humanas (elementos da cultura), como se isso fosse um requisito para a posterior humanização do boneco, pois só ao terminar de vestir o traje é que o boneco pode receber a vida, e ao terminar de se despir a vida deixa de existir.

Outro elemento da relação natura-cultura é exemplificado na forma de como tanto o rapaz, quanto a moça passam pelo isolamento. Ele alimentando sua vergonha pela rejeição, e ela levada por *Moowis* como ato de vingança. É relevante destacar que dentro de uma visão patriarcal é de esperar que o entendimento dessa estória, seja uma forma de alimentar uma moral que confronte a vaidade feminina, no entanto, a leitura pelo ponto de vista do nativo, aponta que a crítica é direcionada a vaidade de ambos, e mais do que isso, no fato de como a vaidade levou os dois a agirem de forma cruel. O que implica dizer é que a imagem da vingança personificada no boneco, *Moowis*, é o retrato do que é a crueldade no interior de toda a estória. Com isso podemos inferir que essa é uma narrativa sobre conciliação e da necessidade de ver o mundo com uma maior perspectiva

Essa estória provavelmente foi contada a Jane por sua mãe Susan Johnston (1775-1840), que era filha de um chefe de guerra da tribo Ojibwe, e que teve sua criação entre os nativos e ao longo da sua vida jamais aprendeu inglês. Jane, por sua vez, teve uma criação mestiça, viveu em uma cidade marcada pela presença *Métis* (mestiço em francês), na qual era comum o casamento de homens brancos com mulheres nativas. Essa criação lhe proporcionou acesso ao mundo nativo de sua mãe e o mundo ocidental de seu pai, no qual o segundo se incidia sobre o primeiro.



Um dos mecanismos utilizados pelo empreendimento colonial para a justificar o silenciamento e a subalternidade dos nativos era a sua suposta não-historicidade, que era pautada numa suposta forma ágrafa dos indígenas contarem sua história, conforme MIGNOLO (2001, p. 118). A narrativa escolhida de Schoolcraft, é oriunda da tradição oral e, portanto, não se enquadra dentro os moldes de gêneros tradicionais europeus. Esse texto de forma silenciosa resiste ao colonialismo ao se enquadrar no que propõe Arnold KRUPAT (1989, p. 214) ao definir *literatura aborígene*:

Proponho o termo *literatura aborígene* para aquele tipo de literatura que resulta da interação de modalidades literárias locais, internas, tradicionais, tribais ou 'indígenas' com as modalidades literárias dominantes de várias nações-estado nas quais pode surgir. A literatura aborígene é aquele tipo de escrita produzido quando um autor de identificação cultural subalterna consegue com sucesso unir formas internas a sua formação cultural com formas externas a ela, mas pressionando-as e até mesmo tentando deslegitimá-las. (tradução minha)²

Logo não iremos afirmar esse texto como conto, ou mito, ou alegoria, pois nenhum desses dá conta da especificidade deste material, iremos chamá-lo texto. Essa pequena narrativa é composta por um único parágrafo que se estende por aproximadamente um página e meia, no mais é escrito de forma semelhante a um conto ou alegoria. Há semelhança dele com os gêneros mencionados ao percebermos, que dele depreendemos uma 'moral', que sua atemporalidade nos remete a um passado imemorial, e que esse texto possui uma função social, a saber, educar jovens sobre os cuidados com a vaidade.

Do ponto de vista estético, há elementos de afastamento e de contato com a estética romântica daquele momento histórico. Quanto a aproximação, destacamos a presença da natureza como local onde a natureza humana se expressa totalmente e da mulher como abrigo do amor platônico e inalcançável. Mas é interessante analisarmos que os românticos tradicionalmente prezam por um humanismo que transcende, paradoxalmente, ao humano. A "poesia" romântica era a realização do aspecto imaginativo da criação, que Terry EAGLETON (2006, p. 27) define:

² Indigenous literature I propose as the term for that form of literature which results from the interaction of local, internal, traditional, tribal, or 'Indian' literary modes with the dominant literary modes of the various nation-states in which it may appear. Indigenous literature is that type of writing produced when an author of subaltern cultural identification manages successfully to merge forms internal to his cultural formation with forms external to it, but pressing upon, even seeking to delegitimize it." (KRUPAT, A. The voice in the margin: Native American literature and the canon. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, 1989, p. 214)



A palavra “imaginativo” enerva uma ambiguidade que sugere tal atitude: tem a ressonância do qualificativo “imaginário”, significando o que é “literalmente inverídico, mas é também, decerto, um termo avaliativo que significa “visionário” ou “inventivo”.

Se tivermos em vista que ao transcrever a história, Jane Schoolcraft desloca o sentido original da história que recebeu da mãe, para uma nova tradição, diferente da que foi concebida, e que a recepção dessa história está agora sujeita a uma nova interpretação ou, mais tipicamente pós-estruturalista, diferentes interpretações ao longo do tempo. Pode-se revisar alguns elementos da construção inventiva de Jane sobre o texto sob uma perspectiva ecocrítica, e que dialogue com a já apresentada estética de Schiller.

Enquanto o iluminismo europeu teve como resposta a ideia romântica de reencontro com um passado clássico, uma reconexão com um passado natural. O indígena, que até a chegada do europeu, ainda estava imerso na natureza da forma como Schiller dizia que os gregos estavam. A cultura nativa, de certo modo, também produzia o ingenuamente sem se dar conta do ingênuo. Para eles não havia a ideia de retorno à natureza, uma vez que nunca romperam com ela, como era o caso do homem europeu moderno.

Logo, uma história como a de Moowis, que envolve a formação de uma moral, não põe em jogo os mesmos elementos envolvidos na formação de uma moral europeia cristã. Pelo contrário, a moral indígena parece estar mais conectada com o ideal romântico de reconexão, a moral indígena, portanto, ainda estava inserida no lugar para o qual o ideário romântico queria voltar por meio da imaginação.

Contudo, o fato de o avanço colonial estar muito pautado na dicotomia homem-mundo do iluminismo e na moral judaico-cristã, não permitiu, de modo prático, na empreitada colonial um diálogo entre as visões de mundo europeia e indígena, que poderiam ser mediadas pelos valores românticos. Essa mediação, na verdade, será tratada adiante, o que se aponta nesse momento é como a discussão fica emperrada naquilo que BONNICI (2007, p. 67) apresenta como dupla colonização da mulher:

A dupla colonização é a subjugação da mulher nas colônias, objeto do poder imperial em geral e da **opressão** patriarcal colonial e doméstica. O fim do colonialismo e o entrelaçamento deste com o patriarcalismo durante a era colonial não aboliram a opressão da mulher nas ex-colônias. A literatura pós-colonial mostra como as mulheres continuam sendo estereotipadas e marginalizadas até por autores pós-coloniais.



Esses elementos todos compuseram um jogo de luz e sombra, conforme proposto por (BOSI, 2002, p. 87), no qual à sombra do iluminismo europeu estava a política opressora das colônias, enquanto os ideais de Liberdade avançavam na Europa, na América se intensificavam o escravagismo e o extermínio indígena. E em todos esses movimentos a posição da mulher e, conseqüentemente, sua produção foi marginalizada.

Considerações finais

A revisão da estética proposta aqui, opera de modo muito particular nesse texto, e seu sentido mais específico ganha força em considerarmos o que Propõe DEMOS (2016, p. 23-26) na introdução de seu livro *Decolonizing Nature* tem como proposta de Descolonização dos métodos de pesquisa, e sugere traçar conexões com a cosmovisão indígena, códigos legais subalternos e movimentos sociais.

Esse trabalho vai de encontro com essa perspectiva, pois segundo mesmo autor, a arte tem papel privilegiado na leitura e construção do mundo por conta de suas peculiaridades, como visto em:

Estou convencido de que a arte, dada sua longa história de experimentação, invenção imaginativa e pensamento radical, pode desempenhar um papel transformador central aqui. Em seu sentido mais ambicioso e distante, a arte mantém a promessa de iniciar exatamente esses tipos de mudanças criativas, perceptuais e filosóficas, oferecendo novas maneiras de compreender a nós mesmos e nossa relação com o mundo de maneira diferente das tradições destrutivas da natureza colonizadora (DEMOS, 2016 p. 19. Tradução minha)³.

Com isso, a ideia de trabalhar textos clássicos da filosofia como os de Schiller, parece menos impossível de serem aproximados de textos da tradição indígena. Percebe-se então, que a aproximação dessas leituras, é por si só uma mediação, que a história da humanidade nos privou por muito tempo. E essa mediação parece reformular a interação entre os textos, pois se antes a preocupação era conciliadora, hoje ela é reconciliadora, não da relação do branco com o indígena apenas, mas de seus mundos e cosmovisões.

³ I'm convinced that art, given its long history of experimentation, imaginative invention, and radical thinking, can play a central transformative role here. In its most ambitious and far-ranging sense, art holds the promise of initiating exactly these kinds of creative perceptual and philosophical shifts, offering new ways of comprehending ourselves and our relation to the world differently than the destructive traditions of colonizing nature.



A libertação da natureza a que Demos se refere requer um movimento humano de união e mobilização. Pois tal libertação envolve a sobrevivência humana. No antropoceno, era geológica em que as mudanças na superfície terrestre, como aponta Sonia TORRES (2017, p. 96) passam por forte intervenção das atividades humanas, O homem volta ao centro, portanto, é a ele a quem fica a incumbência de rever criticamente o modelo humanista liberal iniciado no iluminismo e seus efeitos para a qualidade de vida no planeta.

A contribuição da literatura nesse contexto está envolvida com a questão eco-estética, Malcom MILES (2014, p. 63-70) comenta algumas questões pós-modernas sobre estética. Primeiro comenta a vida estética dos autores do realismo francês, e como a politização repercutia em suas obras. Em seguida, trata de uma Estética Relacional na qual há uma nova liberdade, em que os dois aspectos da natureza (inteligência ativa e a passividade do sensível) não incidem um sobre o outro. E, em seguida, defende que nesse espaço é onde há a uma “igualdade sem precedentes”, pois nessa relação, natureza se preenche de cultura.

O autor finaliza deixando um questionamento que deve ser passado adiante:

Se a estética, ou as artes, têm ação em relação à mudança climática, provavelmente está em atos críticos de redistribuição e re-identificação, dentro, mas além do regime do mundo da arte. A beleza é radicalmente diferente da rotina, mas pode re-flexionar a cultura? (MILES, 2014, p. 70)⁴

Não seria possível, responder essa pergunta neste trabalho, nem é possível o fazer sem que se fuja do proposto. O que se pretende a partir dela é mostrar um posicionamento de que arte e política nem sempre estão separadas, eventualmente há espaços onde elas podem coexistir, sobretudo na literatura. Nesse sentido, entendemos que o contato entre Estética e textos nativos contribuem para a igualdade para a humanidade no Antropoceno, e dessa igualdade, talvez, emane o pensamento que liberte a natureza e os povos nativos da influência racionalista

Referências

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: EDUEM, 2007.

⁴ If aesthetics, or the arts, have agency in relation to climate change, it is probably in critical acts of re-distribution and re-identification, within but beyond the regime of the art-world. Beauty is radically other to routine. But can re-reflect the culture?



DEMOS, T.J. **Decolonizing Nature**: contemporary art and the politics of ecology. Berlin: Sternberg Press, 2016;7-29.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KRUPAT, A. **The voice in the margin**: Native American literature and the canon. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, 1989.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. In: CHIAPPINI, L. AGUIAR, F.W. (orgs.) **Literatura e história na América Latina**. 2a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MILES, Malcom. **Eco-aesthetics**: art, literature and architecture in a period of climate change. Bloomsbury: London; New York, 2014. cap. 3: Aesthetics, 49-70.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. Trad. de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHILLER, Friedrich. **Poesia ingênua e sentimental**. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.

SCHOOLCRAFT, Jane. **The sound the stars make rushing through the sky**: The writings of Jane Johnston Schoolcraft. Editado por Robert Dale Parker. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2007.

TORRES, Sonia. O antropoceno e a antroppo-cena pós-humana: Narrativas de catástrofe e contaminação. In: **Ilha do Desterro: R**. v. 70. n. 2 (2017), p. 93-105.

WELSCH, Wolfgang. Um retorno a Schiller: “A beleza é a Liberdade na aparência” – Estética como desafio para o modo moderno de pensar. In: **Problemata: R**. Fil. v. 5. n. 2 (2014), p. 388-404.